

Resolução de Tática Eleitoral Nacional

7ª Congresso Nacional do PSOL – Etapa Estadual São Paulo

As eleições de 2022 são parte decisiva do processo de superação do projeto neoliberal empreendido pela extrema-direita. Embora a prioridade do nosso partido esteja voltada para a conquista do impeachment de Bolsonaro ainda em 2021, será preciso reunir forças sociais e políticas para viabilizar, também nas eleições, a derrota do bolsonarismo e a reversão da profunda crise social, política, econômica, sanitária e ambiental que vivemos. Nossos desafios, portanto, são enormes. Temos a responsabilidade histórica de construir uma unidade dos setores populares a fim de derrotar o que representa Jair Bolsonaro e seu séquito, seja o séquito ideológico seja o séquito fisiologista.

Essa conjuntura exige do PSOL definições sobre os caminhos de enfrentamento a Bolsonaro no plano nacional. O partido está na linha de frente da oposição ao projeto deste campo político, que, além de ultra neoliberal, tem caráter fascista e ameaça a democracia, as garantias constitucionais e as instituições republicanas constantemente. O ano de 2022, quando participaremos da eleição mais importante da história recente do Brasil, será um momento chave para superar esse projeto regressivo. Ao mesmo tempo, devido ao alto dinamismo da crise brasileira, nossas definições precisam estar atentas às possíveis mudanças de cenário, mantendo a flexibilidade e o esforço de análise da conjuntura e diálogo constantes para decisão conclusiva da tática eleitoral do nosso partido para esse momento sensível.

Por isso, devemos apontar, nesta Resolução sobre Tática Eleitoral Nacional, diretrizes para que o PSOL articule-se de forma mediada pelo princípio orientador de defesa da unidade de todos os setores que se proponham a derrotar o bolsonarismo e o projeto ultraneoliberal, com fins de fazer nascer e florescer um outro modelo de país, sustentado em bases solidárias, de combate às desigualdades sociais e de enfrentamento às opressões diversas que se multiplicam no capitalismo.

Desta forma, o Congresso Estadual do PSOL São Paulo orienta que:

1. A unidade dos setores populares que estão na luta contra o bolsonarismo coloca-se como desafio para o PSOL, que possui um papel de relevância a ser desempenhado na articulação desses setores. Esse papel se avoluma a partir do peso de vitoriosas candidaturas do PSOL nas Eleições Municipais de 2020, a exemplo de Edmilson em Belém e da disputa pela Prefeitura de São Paulo, capitaneada por Guilherme Boulos e Luiza Erundina. Aumentamos nossa bancada de vereadores e vereadoras, com expressiva presença de mulheres negras – algumas delas entre as mais votadas – e crescemos no Norte e Nordeste. Além disso, elegemos quatro prefeituras, além de Belém. Com isso, o PSOL consolidou-se como postulante a ocupar espaço de destaque, com protagonismo, no tabuleiro político nacional, apresentando-se como alternativa do campo de esquerda.
2. Tornar-se alternativa de poder para as maiorias sociais depende do nosso comprometimento com a construção da luta unitária e com o enfrentamento ao caos social que vive o Brasil. Por isso, temos trabalhado pela unidade na diversidade, construindo sínteses e alianças onde houver base política para tal e, ao mesmo tempo, reafirmando o papel do PSOL no processo de reorganização da esquerda brasileira.
3. Para tanto, é necessário reafirmar uma tática eleitoral nas campanhas majoritárias dos estados e também nas chapas proporcionais que coloque o PSOL com capacidade de liderar e aglutinar setores no combate ao bolsonarismo, respeitando os limites programáticos e as bandeiras históricas do partido, mas fazendo com que nossa organização partidária cumpra a tarefa que lhe cabe, de representar uma saída real e concreta para o povo pobre e subalternizado.

4. Isso exige que levemos até a Convenção Eleitoral Nacional do PSOL a definição sobre a existência de uma pré-candidatura à Presidência da República ou outros cenários possíveis, devido à dinâmica volátil da crise brasileira e à possibilidade de alterações de cenário, o que exige de nós flexibilidade no esforço das avaliações políticas e eleitorais.

5. Contudo, o desempenho político obtido nas eleições municipais de 2020 foi não só uma demonstração de maturidade de nosso partido, mas também o reconhecimento da necessidade histórica da unidade entre os setores sociais que fazem oposição ao governo Bolsonaro. Sem uma forte unidade da esquerda será muito mais difícil tirar do poder a extrema-direita. E essa unidade política e eleitoral em 2022 não deve se dar sobre a abstrata noção de “defesa da democracia”, mas, na prática, ter como centro a oposição frontal a Bolsonaro e à agenda neoliberal.

6. Nosso compromisso é reafirmar, nas eleições de 2022, um projeto que tenha como centralidade a defesa dos direitos da população pobre e o combate às desigualdades sociais que são estruturais e estão profundamente acentuadas na atual conjuntura política, econômica e sanitária, provocando a fome e a carestia. Também deve estar no centro desse projeto a agenda de combate às opressões, notadamente marcada pelo enfrentamento ao racismo, que estrutura o modelo econômico capitalista, à destruição ambiental, assim como ao machismo, à LGBTfobia e às diversas formas de opressão e exploração. Temos a missão de representar esses alvos de opressão e todo o povo brasileiro, ampliando também o espaço dos jovens na política, estimulando, portanto, o protagonismo desses setores historicamente excluídos da política.

7. Buscaremos o diálogo político e programático com os partidos do campo popular para construir uma frente eleitoral capaz de derrotar o bolsonarismo.

Desse diálogo, feito com generosidade, dependerá as nossas chances de construir um projeto transformador para o Brasil, no qual o PSOL tenha um papel de aglutinação daqueles que se somarem na defesa da democracia, dos nossos recursos naturais e dos direitos do nosso povo.